

O IMPACTO DA MATERNIDADE TARDIA NAS TAXAS DE NATALIDADE DO BRASIL ENTRE 2000 E 2019

Vinicius Guerra Batista¹ (EP), Isadora Ribeiro L. Pedrosa¹ (EP), Kamila D. e Lima¹ (EP),
Larissa Schiavo F. da Costa¹ (EP), Layla Pires Silva¹ (EP), Maria Eduarda Oliveira¹ (EP),
Vitória Cristhyne Araújo P. Matos¹ (EP), Débora Vieira¹ (PO).

¹Faculdade ZARNS de Itumbiara.

Área Temática: Epidemiologia e vigilância em saúde.

Resumo

A gravidez tardia tem se tornado cada vez mais comum em todo mundo, sendo influenciada principalmente pela emancipação feminina. Considerando a importância social, econômica e de saúde pública, este estudo teve como objetivo identificar padrões temporais nas taxas de natalidade, analisar a idade materna bem como o impacto de variáveis como educação e renda nas diferentes regiões do Brasil. Utilizando uma abordagem observacional analítica de corte transversal, o estudo empregou dados do DATASUS e do IBGE de 2000 a 2019. Realizou análises por meio da estatística descritiva e inferencial das variáveis demográficas e socioeconômicas, além de análises estatísticas para avaliar o aumento da natalidade ao longo dos anos e também sua relação com o PIB nas diferentes regiões do Brasil. A maternidade tardia aumentou nos últimos anos, principalmente entre mulheres de 34 e 44 anos. Mulheres entre 35 e 44 anos apresentaram maior nível de escolaridade em relação aquelas com idade entre 45 e 49 anos. Em relação ao estado civil, apenas 48% das mulheres não eram casadas. O PIB anual foi correlacionado com o número de nascidos vivos em mulheres acima da idade fértil. Portanto, os resultados ressaltam a necessidade de políticas adaptadas às mulheres acima da idade reprodutiva, promovendo acesso a cuidados de saúde de qualidade e planejamento familiar. Futuras pesquisas devem abordar lacunas de conhecimento e promover intervenções eficazes nessa área.

Palavras-chave: Gravidez tardia; Determinantes sociais; Produto Interno Bruto.

Introdução

O Brasil, junto a outros países emergentes, enfrenta um fenômeno de inversão da pirâmide etária, caracterizado pela diminuição das taxas de mortalidade e natalidade, levando a um envelhecimento da população (Wong; Carvalho, 2006). Essa mudança está diretamente ligada à prática da maternidade tardia, com gestações após os 35 anos, influenciadas pelo ingresso das mulheres no mercado de trabalho, busca por estabilidade financeira e profissional, aumento do tempo dedicado aos estudos e avanços nos métodos contraceptivos (Aldrighi; Wall; Souza, 2018). Essa tendência, combinada ao aumento da longevidade, resulta em uma pirâmide populacional invertida, com base estreita e topo largo, indicando um processo de envelhecimento da população (Carvalho; Rodríguez-Wong, 2008).

O estudo sobre a maternidade tardia e sua relação com a queda das taxas de natalidade é de suma importância devido às suas amplas implicações sociais, econômicas e de saúde pública. Com o aumento da idade média das mulheres no momento da maternidade, surgem desafios relacionados à fertilidade, saúde materno-infantil e estruturação demográfica da sociedade (Santana, 2018). Indubitavelmente, a consciência destas circunstâncias é crucial para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes voltadas para a promoção da saúde reprodutiva, o planejamento familiar e o equilíbrio populacional (Rodríguez; Carneiro, 2013).

Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo identificar padrões temporais e regionais nas taxas de natalidade em mulheres com gestação tardia. Para isso, avaliamos fatores

socioeconômicos, tais como educação e estado civil, das mulheres entre 35 e 49 anos que tiveram filhos entre 2000 e 2019.

Material e Métodos

Neste estudo utilizamos a metodologia de estudo observacional analítico de corte transversal, com características descritivas quanto objetivo e quantitativa quanto à abordagem. Os dados foram obtidos através da plataforma Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) do Brasil. O Ministério da Saúde (MS), por meio do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), é responsável por compartilhar todas as informações coletadas referentes às informações epidemiológicas dos desfechos de nascidos vivos no país.

Para avaliar o perfil epidemiológico das mulheres que foram classificadas acima da idade fértil e que tiveram filhos, foram separados os dados de acordo com três grupos: 1) entre 35 e 39; 2) entre 40 e 44; 3) entre 45 e 49 anos. O número de nascidos vivos foi obtido entre os anos de 2000 e 2019 utilizando os seguintes passos: 1) estatísticas vitais; 2) nascidos vivos desde 1994; 3) Brasil por região e Unidade da Federação; 4) Seleção de dados específicos: Linha: idade da mãe; Coluna: variáveis (idade da mãe, instrução, ano do nascimento); Conteúdo: nascidos por mãe residente.

Os dados foram coletados em nível de macrorregiões bem como para todo país. Após a obtenção das variáveis, elas foram tabuladas com o auxílio do software Excel. Além disso, dados econômicos referentes a renda per capita e de Produto Interno Bruto (PIB) por Região para os anos de 2000 a 2019 foram obtidos através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Após a obtenção das variáveis, elas foram tabuladas com o auxílio do software Excel. Os dados foram apresentados por meio de tabelas e gráficos, obedecendo a distribuição de frequência com análise inferencial das variáveis escolaridade, estado civil e PIB.

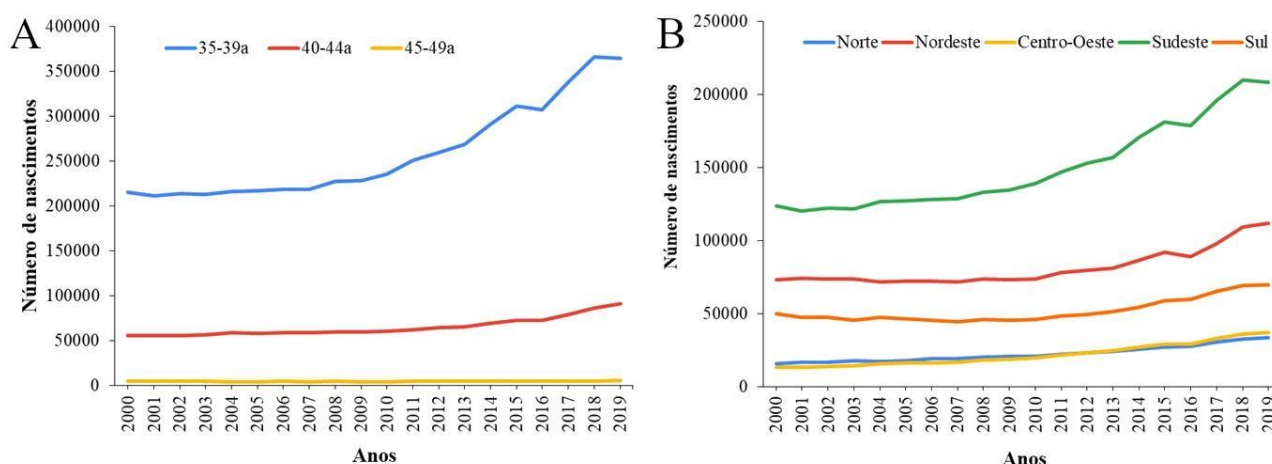
Para avaliar se houve crescimento na natalidade entre os três grupos de mulheres acima da idade fértil foi realizado análises de regressão, utilizando modelos lineares generalizados para o número de nascimentos como variável resposta e, o ano de nascimento como variável explicativa. Para verificar se existe correlação entre o número de nascimentos em mulheres com gravidez tardia por regiões do Brasil de acordo com o PIB, utilizou-se correlações de Pearson como variável resposta para o número de nascimentos anuais e o PIB anual de cada macrorregião como variável explicativa. Todas as análises foram realizadas em ambiente R (R Core Team, 2024).

Resultados e Discussão

Houve aumento significativo no número de nascimentos de crianças tanto para mulheres com idade entre 35 e 39 anos ($p < 0,01$), quanto para aquelas com idade entre 40 e 44 anos ($p < 0,001$) (Figura 1A). Mulheres entre 35 e 39 anos tiveram 79% mais filhos que mulheres com idade entre 40 e 49 anos (Figura 1A). Isso indica uma mudança no comportamento reprodutivo, que pode ser reflexo de mudanças socioeconômicas advindas da emancipação feminina e a inclusão social da mulher enquanto cidadã nas sociedades (Dias Júnior; 2010). Além disso, as melhorias das condições de saúde advindas das novas tecnologias e o acompanhamento por equipes de saúde permitem uma gravidez tardia mais segura.

A região do Brasil com mais nascimentos de crianças em mulheres acima da idade fértil é o Sudeste, seguido por Nordeste e Sul (Figura 1B). Mulheres acima da idade fértil das regiões Norte e Centro-Oeste apresentaram taxas de natalidade menores que das outras regiões e foram semelhantes ao longo dos anos (Figura 1B). Esse resultado foi encontrado por Teixeira *et al.* (2015) e pode estar diretamente relacionado com o tamanho populacional de cada região, uma vez que o tamanho populacional segue o mesmo padrão encontrado para o número de nascimentos.

Figura 1 - Número de nascimentos de crianças de mulheres consideradas acima da idade fértil, entre os anos de 2000 e 2019, no Brasil.



Fonte: Autoria própria (2024).

Com exceção de mulheres entre 45 e 49 anos no Nordeste do Brasil, que apresentaram correlação baixa ($r=0,48$), o PIB anual foi altamente correlacionado ($r \geq 0,75$) com o número de nascimentos de crianças em mulheres acima da idade fértil (Tabela 1). Leitão (2018) encontrou uma relação positiva entre crescimento econômico (PIB) e aumento da natalidade em alguns países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), principalmente aqueles onde a participação das mulheres no mercado de trabalho aumentou significativamente. Essa mesma relação pode ser encontrada nas diferentes regiões do Brasil, onde o aumento do PIB possibilita maior inserção de mulheres no trabalho e isso pode estar associado à maternidade tardia. Por outro lado, na região nordeste do Brasil essa correlação é fraca para mulheres entre 45 e 49 anos, indicando que mais estudos precisam ser realizados para entender melhor essas diferenças entre regionais do país.

Tabela 1. Valores de Correlação de Pearson (coeficiente de correlação = r) entre o PIB de cada estado e o número de nascimentos anuais de crianças em mulheres acima da idade fértil para o Brasil, entre 2000 e 2019.

Idade	Norte	Nordeste	Centro-oeste	Sudeste	Sul
35 a 39	0,98*	0,96*	0,93*	0,92*	0,97*
40 a 44	0,99*	0,95*	0,95*	0,99*	0,99*
45 a 49	0,75*	0,48**	0,96*	0,99*	0,97*

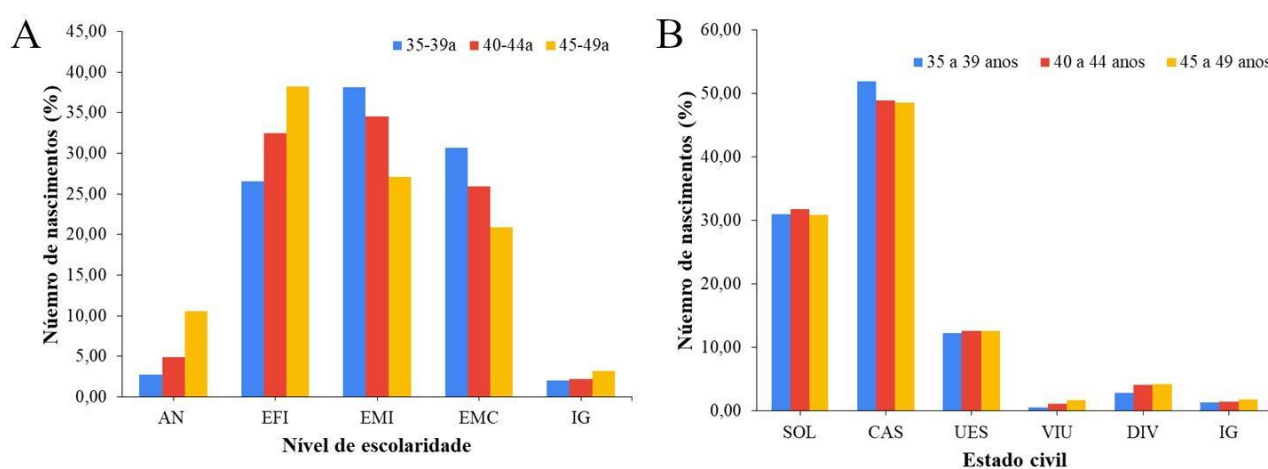
Fonte: Autoria própria (2024). * Valor indicando alta correlação; ** Valor indicando baixa correlação

Ao avaliar o nível de escolaridade, é possível notar que mulheres entre 35 e 39 anos possuem maior nível de escolaridade, principalmente ensino médio incompleto e completo, enquanto aquelas entre 40 e 44 anos possuem majoritariamente ensino fundamental ou médio incompleto (Figura 2A). Já as mulheres que tiveram filhos entre 45 e 44 anos possuem menor nível de escolaridade, e a maioria delas possuem o ensino fundamental ou médio incompleto (Figura 2A). O nível de instrução é um indicador fundamental do status socioeconômico e da qualidade de vida, refletindo na relação entre a educação e a incidência de gravidez, que pode influenciar tanto a fertilidade da mulher quanto o conhecimento sobre métodos contraceptivos (Rezende; Souza, 2012). Em geral, um maior nível de escolaridade está relacionado a uma melhor remuneração

(condição econômica) e prestígio social, o que colabora para o retardo da maternidade pois a mulher obtém maior poder de decisão sobre seu corpo e sua vida (Bruzamarello; Patias; Cenci, 2019).

A maioria das mulheres que tiveram filhos acima dos 34 anos são casadas (52%), seguidas por mulheres solteiras e por aquelas com união estável (Figura 2B). O casamento traz maior proximidade, paciência, afeto e companheirismo para o casal, promovendo um sentimento de maior equilíbrio emocional e tranquilidade em relação à estabilidade financeira (Bruzamarello, Patias, Cenci; 2019). A participação ativa do parceiro e de outros membros da família é vista como uma rede de apoio que resulta em efeitos emocionais e comportamentais positivos e se faz presente na decisão da mulher para considerar uma gravidez (Amaral *et al.*, 2013). Ademais, em um núcleo familiar estruturado as vulnerabilidades individuais e sociais tendem a diminuir.

Figura 2 - Frequência relativa de nascimentos de crianças de mulheres consideradas acima da idade fértil de acordo com o nível de escolaridade (A) e com o estado civil (B), entre os anos de 2000 e 2019 no Brasil.



Fonte: Autoria própria (2024).

AN = Analfabeta; EFI = Ensino Fundamental Incompleto; EMI = Ensino Médio Incompleto; EMC = Ensino Médio Completo; IG = Ignorados (não informado); SOL = Solteira; CAS = Casada; UES = União Estável; VIU = Viúva; DIV = Divorciada.

Conclusões

A crescente participação das mulheres nos diferentes setores da sociedade, principalmente na política e no mercado de trabalho, aliada ao desejo de estabilidade financeira e profissional tem contribuído significativamente para o adiamento da maternidade. Além disso, o acesso à educação e aos serviços de saúde desempenham um papel crucial nesse cenário, influenciando diretamente nas decisões reprodutivas das mulheres.

Existem poucos estudos relacionados à maternidade tardia em países subdesenvolvidos e novos estudos podem auxiliar a compreender quais são os fatores determinantes mais importantes em diferentes culturas e quais os desafios enfrentados nas diferentes populações. Além disso, a ausência de pesquisas e dados sobre essa temática deixa mulheres com idade maior que 35 anos com interesse em se tornarem mães desamparadas em relação a informações sobre os riscos e desafios da gestação tardia. Futuras pesquisas e intervenções devem considerar outros aspectos econômicos e sociais para compreender a gravidez tardia e garantir o bem-estar das mulheres e das futuras gerações.

Agradecimentos

À Faculdade ZARNS de Itumbiara, à Clariens Educação à Dra. Débora Vieira.

Referências Bibliográficas

ALDRIGHI, J. D.; WALL, M. L.; SOUZA, S. R. R. K. Vivência de mulheres na gestação em idade tardia. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, RS, v. 39, p. e2017–0112, ago. 2018.

AMARAL, F. L. J. S. *et al.* Perfil do apoio social de idosos no município de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 2010-2011. **Epidemiologia Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 22, n. 2, p. 335-346, abr./ jun. 2013.

BRUZAMARELLO, D.; PATIAS, N. D.; CENCI, C. M. B. Ascensão profissional feminina, gestação tardia e conjugalidade. **Psicologia em estudo**, Maringá, PR, v. 24, p. e41860, 2019.DOI: <https://doi.org/10.4025/1807-0329e41860>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/KqTqBPXwpWHxtmHm9R57H5P/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 16 abr. 2024.

CARVALHO, J. A. M. D.E.; RODRÍGUEZ-WONG, L. L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 24, n. 3, p. 597–605, mar. 2008.

DIAS JÚNIOR, C. S. Diferenciais no comportamento reprodutivo das mulheres Brasileiras: uma análise a partir dos grupos ocupacionais. **Dados**, Rio de Janeiro, RJ, v. 53, n. 1, p. 233-265, jun. 2010.

LEITÃO, M. Parentalidade, Território e Políticas de família. *In*: Conselho Económico e Social (org.). **Desafios Demográficos: A Natalidade**. Lisboa: Almedina, 2018. cap. 4, p. 155-179.

OLIVEIRA, L. M. S. **Um estudo sobre a vivência da gravidez tardia**. Orientadora: Rosângela da Silva Santos. 2014. 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/11354>. Acesso em: 23 abr. 2024.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 8 maio 2024.

REZENDE, C. L.; SOUZA, J. C. Qualidade de vida das gestantes de alto risco de um centro de atendimento à mulher. **Psicólogo inFormação**, São Paulo, SP, v. 16, n. 16, p. 45-69, jan./dez. 2012.

RODRIGUEZ, F. T.; CARNEIRO, T. F. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, RJ, v. 45, n. 1, p. 111-121, jun. 2013.

SANTANA, B. L. C. **Gestação acima de 35 anos, resultados perinatais e via de parto no Brasil: uma revisão integrativa**. Orientadora: Rejane Antonello Griboski. 2018. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20586/1/2018_BrunaLuizaCostaSantana_tcc.pdf. Acesso em: 14 abr. 2024.

TEIXEIRA, E. C. *et al.* Gravidez em mulheres acima de 34 anos no Brasil—análise da frequência entre 2006 e 2012. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, n. 1, p. 6-11, jan./mar. 2015.

WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, SP, v. 23, n. 1, p. 5–26, jan./ jun. 2006.



Versão do CopySpider: 2.3.0

Relatório gerado por: laylasilva0629@gmail.com

Modo: web / normal

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X https://bjhp.crfmg.org.br/crfmg/article/download/139/95	74	1,28
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v66n144/v66n144a06.pdf	71	1,04
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X https://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvcongresso/painéis/042434.pdf	31	0,99
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X https://www.scielo.br/j/codas/a/dYNkWYGkHnds8bQdHTTnZLz/?format=pdf	36	0,66
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X https://agencia.fiocruz.br/artigo-aborda-os-problemas-da-sa%C3%BAde-e-seus-determinantes-sociais	29	0,48
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X http://w3.ufsm.br/cargnelutti/aula_de_correlacao_e_regressao.pdf	11	0,26
SEMANA CIENTÍFICA FINAL.docx X https://analisemacro.com.br/econometria-e-machine-learning/analise-de-correlacao-em-estatistica	7	0,20
Arquivos com problema de download		
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS2075-94792013000400003	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - Erro: Parece que o documento foi removido do site ou nunca existiu. HTTP response code: 404 - http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS2075-94792013000400003	
https://portal.fiocruz.br/noticia/especialistas-falam-sobre-chances-e-riscos-da-gravidez-tardia	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - Remote host terminated the handshake	
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS0006-59432016000100006	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - Erro: Parece que o documento foi removido do site ou nunca existiu. HTTP response code: 404 - http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS0006-59432016000100006	